

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



A RELAÇÃO DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES EM SUA FASE INICIAL E O TRABALHO COM “EDUCAÇÃO PARA O PENSAR”

Rita de Cássia de Campos Andery¹
Universidade do Vale do Sapucaí-Univás
Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ética, Política e História da Educação Brasileira-NEPHEB
rita.andery@yahoo.com.br

Sônia Aparecida Siquelli²
Universidade do Vale do Sapucaí –Univás
Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ética, Política e História da Educação Brasileira-NEPHEB
soniasiquelli@univas.edu.br

Este trabalho, como parte da pesquisa de dissertação de Mestrado em Educação em andamento, propõe uma reflexão acerca da formação do professor na sua fase inicial de graduação, a partir da aplicação de questionário aos professores do município de Piranguinho/MG, em relação ao trabalho desenvolvido na rede municipal com o programa de “*Educação para o Pensar*” - Filosofia para Crianças e Jovens, na educação básica. Objetivou-se conhecer, através da análise das questões abertas se o professor nesta prática traz consigo conhecimentos adquiridos em sua formação na graduação. A metodologia empregada de cunho qualitativo realizou um levantamento através de questionários e estudos bibliográficos em obras do autor Matthew Lipman (1995,1997,1998,1999) e Marie-France Daniel (2000). A hipótese averiguada foi de que as bases teóricas do programa de Lipman demonstram estar assimiladas, porém resta saber até onde a práxis e os saberes adquiridos durante a formação acadêmica facilitaram o entendimento para o trabalho com o programa “*Educação para o Pensar*” – Filosofia para Crianças e Jovens e se a realidade dentro de sala de aula condiz com estes dados.

Palavras chave: Educação para o Pensar – Filosofia - Graduação

¹ Pedagoga e Mestranda em Educação pela Universidade do Vale do Sapucaí-Univás. Tutora da Universidade Virtual da Universidade Vale do Sapucaí-Univás. Pós Graduanda em Ensino de Filosofia pela Faculdade Católica de Pouso Alegre - FACAPA

² Doutora em Educação. Professora e Orientadora do Mestrado em Educação/Univás/Pouso Alegre. Docente das disciplinas *Ética, Política e Formação Docente e História da Educação Brasileira*. Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ética, Política e História da Educação Brasileira-NEPHEB, cadastrado no CNPQ.



A RELAÇÃO DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES EM SUA FASE INICIAL E O TRABALHO COM “EDUCAÇÃO PARA O PENSAR”

Este trabalho de pesquisa, que concentra o seu objeto de estudo em torno do tema *Educação para o Pensar*³ – do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, objetiva refletir e compreender a importância do pensar no nível da reflexão filosófica, nesse nível de ensino. Objetivou-se também apontar possíveis metodologias de ensino e aprendizagem para trabalhar com o desenvolvimento do pensar dos alunos, fundamentando-se no trabalho desenvolvido por Matthew Lipman⁴, que estruturou uma forma concreta de emprego de uma educação para o pensar/filosofia para crianças e jovens. Assim foi proposta uma reflexão acerca da formação do professor na sua fase inicial de graduação, a partir da aplicação de um questionário aos professores do município de Piranguinho/MG, em relação ao trabalho desenvolvido na rede municipal com o programa de “*Educação para o Pensar*” - Filosofia para Crianças e Jovens, na educação básica. Especificamente nesta parte da pesquisa objetivou-se conhecer, através da análise das questões abertas se o professor nesta prática traz consigo conhecimentos adquiridos em sua formação na graduação.

Almeja-se por meio da educação para o pensar e da reflexão filosófica alcançar uma educação transformadora, crítica, democrática e politizada, considerando a

³ Trata-se de um programa educacional que visa oferecer a crianças e jovens um espaço investigativo-dialógico no qual busquem, orientados por educadores preparados para tal, maior e melhor compreensão de temáticas filosóficas e, assim, possam desenvolver sua capacidade de “pensar melhor” através de uma metodologia que integra o referido programa. (Lorieri, 2003, p.11)

⁴ Professor Dr. Matthew Lipman, criador do movimento de Filosofia para Crianças e professor emérito da Montclair State University, faleceu em 26 de dezembro de 2010 em sua residência na Green Hill Retirement Community em West Orange, Nova Jersey.

Lipman nasceu 24 de agosto de 1923 em Vineland, Nova Jersey. Ele serviu na infantaria dos EUA de 1943-1946 na França e na Alemanha, e foi premiado com duas estrelas de bronze durante a Segunda Guerra Mundial. Sua experiência ajudando a libertar os campos de concentração na Alemanha são narradas em sua autobiografia.

Lipman estudou em Stanford, Columbia, na Sorbonne, em Paris e na Universidade da Áustria. Obtendo seu Ph.D. em Filosofia pela Universidade de Columbia em 1954. Sua tese depois publicada como *What Happens in Art* (1967) valeu-se da obra de John Dewey, com quem Lipman conversou, e que elogiou o trabalho. Lipman se tornou um professor de Filosofia na Universidade de Columbia e presidente do Departamento Geral de Educação na Universidade de Columbia em 1950 a 1960, período durante o qual ele também lecionou no Sarah Lawrence College e no City College de Nova York.

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



criança como ser atuante, pensante e agente transformador, capaz de um pensamento de ordem superior. Para Lipman (1995), ensinar a ter um pensamento de ordem superior ou multidimensional significa demandar um conjunto de esforços intencionais, buscando incentivar as crianças e jovens a exercer um pensamento reflexivo, rigoroso, crítico, profundo, criativo, cuidadoso, contextualizado e autocorretivo. Esse é um pensamento de excelência, chamado pelo autor de pensamento de ordem superior que é conceitualmente rico, coerentemente organizado e persistentemente investigativo.

Na educação torna-se emergente pensar na formação dos alunos como seres pensantes envolvendo-os de forma significativa para uma intervenção na prática da realidade, almejando-se por meio da *educação para o pensar* alcançar uma educação transformadora, crítica e democrática, considerando a criança como ser atuante, pensante e agente transformador, capaz de relacionar-se com a sociedade e com o mundo. Falar da educação reflexiva é considerar uma construção histórica, cultural, de formação de identidade, presente em toda nossa vida, o que faz questionar se esta condição auxilia ou não o aluno a ver o mundo e as pessoas com mais clareza, compreensão, bem como a se situar, agir e socializar-se com ele.

É desafiadora a forma com que se apresenta a tentativa de construir uma educação que atenda às necessidades dos alunos para a vida em sociedade, que reúna conceitos de significação, contextualização, afetividade, proximidade, respeito às diversidades, singularidades, baseadas na ética e autonomia para o pensar em conjunto com professores que estejam preparados para tal situação. Segundo Lipman (1995), para concretizar esta proposta faz-se necessário que o professor também tenha uma formação voltada para a reflexão e o pensar, pois defende que estes respeitem as crianças e os jovens que serão ensinados por eles. Defende ainda que estejam dispostos a examinar suas ideias e comprometer-se com a investigação dialógica.

Para tal discussão, faz-se necessário abordar alguns dos conceitos de Lipman, o que proporciona uma compreensão sobre a *Educação para o Pensar*. Lipman (1999) criou um ideário de educação fundamentado por um *Programa de Filosofia para Crianças*⁵, com o intuito de levá-las a pensar filosoficamente em sala de aula. Apresentado sob a forma de novelas filosóficas, foi elaborado para contemplar temas de reflexão, como comunidade, conhecimento, linguagem e ética, trabalhado de

⁵ O Programa Filosofia para crianças – Educação para o Pensar, enquanto programa educacional, defende a ideia de que as salas de aula devem ser espaços investigativo-dialógicos. (Lorieri, 2003, p.11)



acordo com a faixa etária das crianças. Assim, ao invés de criar adultos fictícios, Lipman preferiu colocar crianças fictícias como protagonistas de suas novelas filosóficas. Essa opção, conforme acreditava, ajudaria as crianças reais a se identificarem com as personagens que investigavam filosoficamente os temas propostos na narrativa das novelas dentro de uma comunidade de investigação.

(...) acredito que é necessário percebermos que a comunidade de investigação não é algo sem objetivos. É um processo que objetiva obter um produto, a partir de algum tipo de determinação ou julgamento, não importando o quanto isso possa parecer parcial ou experimental. Em segundo lugar, o processo possui um processo de direção; movimenta-se para onde o argumento conduz. Em terceiro, o processo não é meramente uma conversação ou discussão; é diálogo. (Lipman, 1995, p. 331)

Os conceitos cunhados por Lipman, trabalhados aqui neste estudo, partem do período histórico da segunda metade do século vinte, nos anos 60, que através de uma observação sensível ao período vivenciado, onde os jovens se rebelaram contra o sistema estudantil vigente, mas deixaram de construir um aparato lógico, organizado de forma que desse consistência ao movimento, o que denunciava uma deficiência de raciocínio. Essa problemática no entender de Lipman (1999) ocorria em decorrência da forma deficitária que os sistemas escolares empregavam sua aprendizagem aos jovens, coibindo o estímulo do pensamento e reflexão autônomo sobre a sociedade vivida. Portanto, Lipman(1999) visionava que o desenvolvimento da racionalidade poderia resultar em uma mudança da realidade existente e que mesmo as crianças eram capazes de filosofar.

Observando a ponte entre o ideário de Lipman e Dewey⁶ feita por Marie-France Daniel (2000), na obra “A Filosofia e as Crianças” , podemos compreender, que dentre os filósofos norte-americanos que influenciaram educadores de várias

⁶John Dewey nasceu em 1859 em Burlington, uma pequena cidade agrícola do estado norte-americano de Vermont. Na escola, teve uma educação desinteressante e desestimulante, o que foi compensado pela formação que recebeu em casa. Ainda criança, via sua mãe confiar aos filhos pequenas tarefas para despertar o senso de responsabilidade. Foi professor secundário por três anos antes de cursar a Universidade Johns Hopkins, em Baltimore. Estudou artes e filosofia e tornou-se professor da Universidade de Minnesota. Escreveu sobre filosofia e Educação, além de arte, religião, moral, teoria do conhecimento, psicologia e política. Seu interesse por pedagogia nasceu da observação de que a escola de seu tempo continuava, em grande parte, orientada por valores tradicionais, e não havia incorporado as descobertas da psicologia, nem acompanhara os avanços políticos e sociais. Fiel à causa democrática, ele participou de vários movimentos sociais. Criou uma universidade-exílio para acolher estudantes perseguidos em países de regime totalitário. Morreu em 1952, aos 93 anos.

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



partes do mundo, é possível afirmar que ambos acreditavam no poder da inteligência por meio do desenvolvimento do pensar como fonte capaz de transformar, refletir, questionar e argumentar sobre os fatos vivenciados e questões do meio. Também mantinham a mesma opinião sobre unir teoria e prática, como dois pontos de uma mesma reta. Para ambos somente a capacidade de pensar pode ser produto questionador para uma mudança possível da realidade presente.

No que diz respeito ao aluno, tanto Lipman como Dewey: segundo Daniel (2000), ambos compactuam da visão de que a educação deve ter como premissa, a valorização da capacidade de pensar dos alunos, com foco na sua elaboração de pensamento para seu crescimento tanto na área física, emocional e intelectual. Esta incidência sobre o pensar não pode corresponder ao emprego da aprendizagem sobre um tema, ou conteúdo específico, mas corresponder às necessidades dos alunos, aos problemas e conflitos vividos por eles, sempre buscando meios para resolvê-los. Portanto, o olhar sobre esse aluno deve englobar sua totalidade e a aprendizagem deve transcender o enfoque temático de uma disciplina.

Outro ponto de cotejamento destes dois pensadores, é a crença de que a aprendizagem só ocorre mediante problemas reais, desafiadores, que impulsionem os alunos à reflexão, criar redes de relações, hipóteses e buscar soluções. Assim, experiência e praticidade são pontos efusivos para criar um ambiente de aprendizagem e dinamicidade do pensar. Daniel (2000) afirma, que o pensar nessas duas dinâmicas representa a chave para iniciar uma aprendizagem significativa e real, pois ao possibilitar que o aluno raciocine, aplicando sua inteligência, cria-se a condição de construção e desconstrução desse saber, gerando assim novos conhecimentos. Essa é a essência da educação reflexiva e do pensar fundamentada no *Programa de Filosofia para Crianças* de Lipman e pela filosofia deweyana que defende os procedimentos que façam o aluno raciocinar e elaborar os próprios conceitos para depois confrontar com o conhecimento sistematizado.

Há ainda que se destacar que ao procurar desenvolver uma educação adequada do pensar é necessário arquitetar o espaço e a forma como ela pode ocorrer. Cada vez que se olha e analisa a educação de nossa atualidade, diante de todos os pensamentos de nossos educadores contemporâneos, observamos que não há como trabalhar com esse tipo de educação sem poder contar com um ambiente democrático, como se verifica no pensamento de Dewey (2000) onde a democracia fixa-se como a mola propulsora do desenvolvimento dos indivíduos, utilizada como aglutinadora de trocas de ideias no coletivo.



Segundo Evangelista (2003), Lipman afirmava a necessidade de que para ocorrer uma verdadeira Educação para o Pensar, o professor e o aluno deveriam tornar-se investigadores de uma comunidade de investigação filosófica.

“O papel do professor de filosofia para crianças não é o de responder as perguntas, mas de facilitar o surgimento das perguntas dos estudantes, tanto quanto sua busca de respostas. O professor de filosofia para crianças deve insistir para que os estudantes considerem as ideias que permeiam as discussões na sala de aula em termo de seus marcos referenciais ou contexto.” (LIPMAN, 1990,p.173)

Seus objetivos combinam elementos para formar um educador para uma postura crítica, autônoma diante da vida. Assegura ainda que a prática de filosofia tenha se mostrado uma atividade prazerosa e educativa para ambos, professor e aluno, afirma que juntos desenvolvem as chamadas habilidades de raciocínio, que segundo Lipman (1997), podem ser também conhecidas como as habilidades de pensamento, que são aquelas quando desenvolvidas corretamente auxiliam as pessoas a pensarem bem, isto é, produzir pensamentos que representam adequadamente a realidade, podendo explicá-la suficientemente e justificar tal explicação. Desse modo, podendo assim oferecer novas informações articuladas entre si.

Afirma-se que as habilidades do pensamento são condições que precisam ser desenvolvidas para que o pensar bem ocorra no lugar de um pensar incorreto, inadequado, etc. Essas habilidades Lipman(1997) reúne em quatro grupos:

O primeiro grupo, chamado de condições cognitivas que favorecem a investigação, aborda que, para produzir ou construir conhecimentos precisamos de algumas condições como: saber observar; saber perguntar ou formular questões; saber pensar, imaginar ou supor soluções prováveis para as questões, ou seja, formular hipóteses; saber buscar ou construir verificações para as hipóteses, podendo comprová-las ou não. Uma vez comprovadas elas deixam de ser hipótese e passam a ser conhecimento.

Pode-se questionar se neste momento estariam os educadores provocando seus alunos para que operem com as condições cognitivas, e que isto aconteça ao mesmo tempo em que estejam trabalhando os conteúdos de estudos, conteúdos das disciplinas escolares ou conteúdos de temas que provocam seu interesse. Nesse processo parece ser importante e necessário que o professor conheça não só o tema



(conteúdo), mas também a melhor forma de estimular o bom desempenho das condições de seus alunos.

No segundo grupo, condições cognitivas que favorecem o pensamento lógico e, nele, o raciocínio, entende que o raciocínio faz parte do pensamento lógico, pois o raciocínio é um procedimento do nosso pensamento pelo qual ligamos ideias entre si. A partir de tais ligações, tira-se ou infere-se novas afirmações, a que chamamos de conclusões. Espera-se, que neste grupo, os alunos raciocinem bem, que pensem logicamente. Mas para que ocorra tal fato, Lipman(1999) sugere que é preciso ajudar os alunos a desenvolver condições cognitivas e para que os resultados esperados sejam propícios, é preciso estabelecer relações adequadas entre ideias (relações de igualdade, de diferença, de semelhança, de grau, de gênero, de oposição, de qualidade, entre outras.); tirar conclusões, ou seja, saber inferir (Saber produzir o então adequado. Estabelecida uma relação entre duas afirmações então, aí a conclusão); ser capaz de provar por argumentação, isto é, saber dar boas razões para as conclusões tiradas, inferidas; identificar pressuposições adjacentes, isto é, saber identificar o que está pressuposto ou implícito em afirmações que se lê ou que se ouve.

No terceiro grupo condições cognitivas que favorecem formação de conceitos, é importante proporcionar ao aluno a: ser capaz de explicar (desdobrar, esmiuçar o sentido de uma palavra); ser capaz de definir (dizer o que algo é); ser capaz de sintetizar (juntar as partes separadas de uma noção, reconstruindo o significado).

No quarto grupo aborda as condições cognitivas que favorecem a interpretação ou a tradução. Dentro deste exercício ainda pode-se pedir a um aluno para que leia um pequeno texto e que se consiga dizer, com suas próprias palavras, o que o autor disse com as palavras dele. Assim, pretende-se desenvolver no aluno habilidades de parafrasear (traduzir com suas próprias palavras algo que foi lido ou dito); perceber implicações e suposições (notar o que está implícito, por trás; perceber fazendo uma comparação com o conhecimento pré-adquirido); prestar atenção ao que é dito ou no que está escrito.

Isto posto, dentro desta análise como Lipman(1990) entende a formação de professores e que estes deveriam passar em sua formação pelo mesmo processo que os alunos, no que diz respeito a vivenciar uma “*comunidade de Investigação*” e isso independente de qual formação inicial o professor teria. Lipman(1990) afirma, que a formação de professores não tem a primazia por desenvolver métodos que levem seus



educadores a comprometer-se com a investigação dialógica, examinar e reexaminar suas ideias e ainda trabalharem o respeito absoluto aos alunos que serão ensinados.

Uma experiência de Formação em Educação para o pensar: Piranguinho/MG

Nesta pesquisa foram coletados dados através de um questionário semiaberto, aplicado a 48 professores do município de Piranguinho/MG, em relação ao trabalho desenvolvido na rede municipal com o programa de “*Educação para o Pensar*” - Filosofia para Crianças e Jovens, na educação básica. Esta análise ainda encontra-se em desenvolvimento, mas para uma primeira amostragem foi possível colher dados quanto a sua formação/especialização e como este fator é preponderante no seu trabalho diário.

Notou-se que no total de 48 professores que responderam ao questionário, que, todos têm algum conhecimento sobre o que se trata o *Programa de Educação Para o Pensar*, devido a rede municipal adotá-lo. Porém nem todos trabalham diretamente com esta metodologia, devido estarem presentes nesta amostragem professores de creche. O estudo mostra que de acordo com formação e especialização dos professores investigados, encontramos maior clareza no que diz respeito aos conceitos desenvolvidos dentro do trabalho proposto.

Os professores nesta pesquisa foram identificados como (P1), (P2), ... Foram encontrados (3) dos (48) participantes que possuem Especialização específica em “*Educação para o Pensar*”, sendo eles os (P1), (P2) e (P10). São efetivos da Rede Municipal de Piranguinho, trabalham em um programa de formação continuada, possuem mais de 15 anos de docência, com mais de 4 anos na Unidade Escolar e trabalham com o Fundamental I.

Para estes professores a filosofia é uma disciplina que desenvolve o questionamento, a investigação e o diálogo nos alunos, princípios claros que encontramos nos grupos de habilidades desenvolvidas a partir da *Comunidade de Investigação*. E, ainda, afirmam a importância desse ensino em sala de aula dentro de sua concepção filosófica.

O que você entende pelo ensino de filosofia em sala de aula?

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



(P2) O ensino de filosofia na sala de aula, permite um trabalho interdisciplinar como o objetivo de formar cidadãos críticos e reflexivos, capazes de tomar decisões sábias diante de qualquer situação.

Você conhece ou já ouviu falar em comunidade de investigação? Se sim, qual o seu entendimento e como, quando e onde você conheceu ou leu sobre isto?

(P2) Sim. Conheço a comunidade de investigação. A comunidade de investigação permite ao professor e aos alunos estabelecer um diálogo de investigação e reflexão com o tema abordado, levando ou permitindo que os alunos expressem suas ideias e pensamentos de forma organizada e chegando a uma conclusão. Conheci a comunidade de investigação quando participei da formação básica de filosofia para crianças no curso: curso básico de filosofia Issao e Guga e Rebeca.

Assim segundo Evangelista (2003) dentro do programa de Filosofia para Crianças e Jovens, idealizado por Lipman, procura-se desenvolver habilidades cognitivas que são instrumentos do pensamento de ordem superior. Durante o processo ensino-aprendizagem essas habilidades são trabalhadas para o desenvolvimento do raciocínio. Um dos objetivos seria também o de preparar o educador para uma postura crítica e autônoma diante da vida, isto é, uma educação que prepara cidadãos intelectualmente autônomos e críticos para a construção de uma sociedade igualitária em direitos e deveres.

CONCLUSÃO

A partir da aplicação de questionário aos professores do município de Piranguinho/MG, em relação ao trabalho desenvolvido na rede municipal com o programa de “Educação para o Pensar”- Filosofia para Crianças e Jovens, na educação básica, pode-se ver que as respostas vistas aqui entre outras, servem como amostragem do exposto sobre Educação para o Pensar – Filosofia para crianças e jovens até este momento. Mesmo trabalhando com a hipótese de que as bases teóricas do programa de Lipman demonstram estar assimiladas, resta-nos um estudo

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



mais aprofundado para saber até onde a práxis e os saberes adquiridos durante a formação acadêmica facilitaram o entendimento para o trabalho com o programa “*Educação para o Pensar*” – Filosofia para Crianças e Jovens. Também será necessário analisar se a realidade dentro de sala de aula condiz com estes dados. Dentro desta análise de como Lipman(1990) entende a formação de professores e que estes deveriam passar em sua formação pelo mesmo processo que os alunos, no que diz respeito a vivenciar uma “*comunidade de Investigação*” e isso independente de qual formação inicial o professor teria. Talvez aqui caiba estudos posteriores e uma revisita ao grupo de professores, para analisar sua prática, que deixa como o autor afirma, questionamentos para compreender se neste momento estariam os educadores provocando seus alunos para que operem com as condições cognitivas, e que isto aconteça ao mesmo tempo em que estejam trabalhando os conteúdos de estudos, das disciplinas escolares ou conteúdos de temas que provocam seu interesse.

Referências:

DANIEL, Marie-France. *A Filosofia e as Crianças*. São Paulo, SP: Nova Alexandria, 2000.

EVANGELISTA, Francisco e GOMES, Tarso de Paulo. *Educação para o Pensar*. Campinas, SP: Alínea, 2003.

KOHAN, Walter Omar e WUENSCH, Ana Míriam. *Filosofia para Crianças : A Tentativa Pioneira de Matthew Lipman*, Vol. I, Petrópolis, RJ: Vozes 1998.

LIPMAN, Matthew. *O pensar na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LIPMAN, Matthew. *A Filosofia vai à escola*. São Paulo, SP: Summus, 1990.

LIPMAN, Matthew, SHARP, Ann Margaret e OSCANYAN, Frederick S.. *Filosofia na Sala de Aula*. São Paulo, SP: Nova Alexandria, 1997.

SPLITTER, Laurence J. e SHARP, Ann Margaret. *Uma Nova Educação – A Comunidade de Investigação na Sala de Aula*. São Paulo, SP: Nova Alexandria, 1999.